

**REVISTA DA
ACADEMIA
BRASILEIRA
DE FILOLOGIA**



Volume XXXVII

2026

REVISTA DA

ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGIA

Volume XXXVII - 2026

e-ISSN: 2763-7301 | ISSN: 1676-1545

EQUIPE EDITORIAL

Editor
Amós Coêlho da Silva

Assessoria Técnica
Danilo Villela

CONSELHO EDITORIAL

•Afrânio da Silva Garcia (UERJ / ABRAFIL) •Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ / ABRAFIL) •Carlos Eduardo Falcão Uchôa (UFF / ABRAFIL) •Castelar de Carvalho (ABRAFIL / LICEU LITERÁRIO) •Ceila Maria Ferreira Batista (UFF / ABRAFIL) •Claudio Cezar Henriques (UERJ / ABRAFIL) •Domício Proença Filho (UFF / ABRAFIL) •Dulcileide Virginio do Nascimento Braga (UERJ / ABRAFIL) •Edila Vianna da Silva (UFF / ABRAFIL) •Fernando Ozório Rodrigues (UFF / ABRAFIL) •Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ / ABRAFIL) •Francisco da Cunha e Silva Filho (UFRJ / ABRAFIL)	•Luíz César Saraiva Feijó (UERJ / ABRAFIL) •Luiza Leite Bruno Lobo (UFRJ / ABRAFIL) •Manoel Pinto Ribeiro (UERJ / ABRAFIL) •Marina Machado Rodrigues (UERJ / ABRAFIL) •Mauro de Salles Villar (ABRAFIL) •Maximiano de Carvalho e Silva (UFF / ABRAFIL) •Miriam Therezinha da M. Machado (UFF / ABRAFIL) •Nilda Santos Cabral (UFF / ABRAFIL) •Paulo César Costa da Rosa (UERJ / ABRAFIL) •Ricardo S. Cavaliere (UFF / ABRAFIL / L. LITERÁRIO) •Terezinha M. da F. P. Bittencourt (UFF / ABRAFIL)
--	--

Apoio editorial
Academia Brasileira de Filologia

Diretoria
Academia Brasileira de Filologia

Triênio: maio de 2024 a maio de 2027

Presidente
Amós Coêlho da Silva

Vice-presidente
Deonísio da Silva

Primeiro Secretário
Pedro Ivo Zaccur Leal

Segundo Secretário
Luiz Fernando Dias Pita

Tesoureiro
Márcio Luiz Moitinha Ribeiro

Relações públicas
Professor Doutor Afrânio da Silva Garcia

Bibliotecário
Professora Doutora Arlete José Mota

Presidentes de Honra da ABRAFIL



Professores Evanildo Bechara e Leodegário A. de Azevedo Filho

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
FRANCISCO DA CUNHA E SILVA FILHO - MASSAUD MOISÉS E A SUA IMPORTÂNCIA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS BRASILEIROS (REPUBLICADO POR INCORREÇÕES)	8
RAPHAEL SALOMÃO KHÉDE - AS CARTAS INÉDITAS (1943-1987) ENTRE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E FERNANDO SABINO	14
GRACINÉA IMACULADA DE OLIVIEIRA / ANA JÚLIA DA SILVA SANTOS / JOICE PASSOS PAIVA - ESTUDO CODICOLÓGICO E PALEOGRÁFICO DE DOIS PROCESSOS CRIMINAIS CONTRA ESCRAVIZADOS LAVRADOS EM VASSOURAS (RJ)	41
NATANIEL DOS SANTOS GOMES / DANIEL ABRÃO / MARIA TERESA MARTINS REZENDE - DEMOLIDOR: O HERÓI TRÁGICO NO CONTEXTO DO CAPITALISMO TARDIO, NA OBRA DE FRANK MILLER	68
MARILDA COVRE LINO SIMÃO MARTIM - O PAPEL DE FERDINAND DE SAUSSURE PARA A LINGUÍSTICA MODERNA	89
EMERSON APARECIDO BRANDÃO DA SILVA - REPRESENTAÇÃO NARRATIVA DAS TENSÕES DA SOCIEDADE ESTADUNIDENSE EM A MARCHA: AMERICANISMO, NARRATIVA GRÁFICA E MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS	102
MARIANA FREITAS CISNEIROS - EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E LETRAMENTO: UMA ANÁLISE DO ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA	114

MARCELO MOURA DA SILVA - ENTRE EGOÍSMO E SOLIDÃO: RELEITURAS POSSÍVEIS NO TEXTO DE ORIGEM EM GÊNESIS 2.18	129
JÚLIA RAFAELA LAURETTO DA SILVA - UMA LEITURA BAKHTINIANA DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA: A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE DIALOGISMO E POLIFONIA	144
BRUNO AGUINALDO FEITOSA - INTERTEXTUALIDADES ESTRITAS E AMPLAS: UM OLHAR DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL SOBRE OS DIÁLOGOS ENTRE TEXTOS	156
SUELLEN CORDOVIL DA SILVA - BROUGHT TO LIGHT E THE DEPARTMENT OF TRUTH: PONTOS DE CONSPIRAÇÕES	170
MARINA DUARTE FERREIRA MAIDANA - ADRINHOS QUEER PARA REVOLUCIONAR O GÊNERO: DESCOBRINDO CAMINHOS POR INTERMÉDIO DA FILOSOFIA DO MAMILO, DE KAE VITORELO	180
JEFFERSON VARGAS FERNANDES / NÁDIA BENTOS GONÇALVES - LINGUAGEM DO DIREITO EM ANÁLISE: PERSPECTIVAS DISCURSIVAS E INTERPRETAÇÕES A PARTIR DE ENI ORLANDI	197
SOBRE AUTORES	213
HOMENAGEM	219
NOTICIÁRIO	220

EDITORIAL

A Academia Brasileira de Filologia homenageia Massaud Moisés, por sua contribuição marcante e didática. Suas obras pela Cultrix, como Dicionário de Termos Literários; Dicionário de Literatura Portuguesa e Dicionário de Literatura Brasileira etc. constituem uma interlocução refinada com a excelência da crítica literária... Isso sem contar com outras obras, como o Guia Prático de Análise Literária... todas com sua marca pessoal de professor preocupado com aquilo que o aluno não sabe... ou conhece de forma desorganizada.

Neste número, temos temas lingüísticos e literários em abordagens sobre histórias em quadrinhos com pesquisadores diversos. Inclua-se nesta leitura uma pesquisa sobre escravidão em Vassouras... O que pensa sobre o mundo Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Fernando Sabino (1923-2004)...

Rio de janeiro, 30 de julho de 2026.

Amós Coêlho da Silva

MASSAUD MOISÉS¹ E A SUA IMPORTÂNCIA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS BRASILEIROS (REPUBLICADO POR INCORREÇÕES)

Francisco da Cunha e Silva Filho (ABRAFIL)

RESUMO

ESTE ARTIGO NÃO SOMENTE PRESTA UM TRIBUTAO FALECIMENTO DO NOTÁVEL ERUDITO E HISTORIADOR DAS LITERATURAS PORTUGUESA E BRASILEIRA, MAS SOBRETUDO É UMA PÁGINA DEVOTADA À IMPORTÂNCIA DE SUA EXTENSA PRODUÇÃO, SENDO, IGUALMENTE, UMA TENTATIVA DE RESUMIR ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES DE PARTE DE SUAS OBRAS NOS GÊNEROS DE ENSAIOS E DE OBRAS ACADÊMICAS DETINADAS A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE LETRAS, TRTANDO, ALÉM DISSO, DE QUESTÕES DE ELEVADO RELEV, TAIS COMO CRIAÇÃO LITERÁRIA, CRÍTICA LITERÁRIA, ANÁLISE DE OBRAS, ABORADAGENS TEÓRICAS DO FENÔMENO LITERÁRIO.O ARTIGO DESTACA A RELEVÂNCIA DE SUA PRODUÇÃO COMO UM AUTOR DE REFERÊNCIA NO DOMÍNIO DA LITERATURA NO BRASIL E NO EXTERIOR.

PALAVARAS-CHAVE: MASSAUD MOISÉS; TRIBUTAO; FALECIMENTO; PRODUÇÃO LITERÁRIA

ABSTRACT

THIS ARTICLE IS NOT ONLY A TRIBUTE RENDERED TO THE PASSING AWAY OF THE REMARKABLE PORTUGUESE LITERATURE AND BRAZILIAN LITERATURE SCHOLAR, THE HISTORIAN MASSAUD MOISÉS. IT IS MOSTLY A PAGE DEVOTED TO THE IMPORTANCE OF HIS EXTENSIVE PRODUCTON AND AT THE SAME TIME T IS AN ATTEMPT TO SUM UP SOME SOME RELEVANT ASPECTS OF SOME HIS WORKS MAINLY WORKS FOCUSED ON

1 - Massaud Moisés (São Paulo, 1928 – 2018) foi um professor, ensaísta e crítico literário brasileiro e correspondente da ABRAFIL. Fez contribuições notórias para a teoria e crítica literária no Brasil. Foi titular da Universidade de São Paulo (USP), de 1973 a 1995, ano em que se aposentou. Fonte: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Especial:Entrar&returnto=Massaud_Mois%C3%A9s

ESSAYS AND ACADEMIC DIDACTIC WORKS ESPECIALLY WRITTEN TO UNIVERSITY STUDENTS OF LETTERS, DEALING WITH PIVOTAL THEMES SUCH AS LITERARY CREATION, LITERARY CRITICISM, PARSING OF LITERARY WORKS AND THEORETICAL APPROACHES OF LITERARY PHENOMENA. IN THIS ARTICLE IT IS HIGHLIGHTED THE RELEVANCE OF HIS PRODUCTIONS AS A REFERENCE AUTHOR IN THE DOMAIN OF LITERATURE IN BRAZIL AND ABROAD..

KEY-WORDS: MASSAUD MOISÉS; TRIBUTE; PASSING AWAY; LITERARY PRODUCTIONS

Aquele que estudava Letras no final dos anos 1960 e nas décadas de 1970 e 1980, aproximadamente, dificilmente não conheceu as primeiras obras do ensaísta, historiador e crítico Massaud Moisés, falecido hoje, dia 11 de abril, aos 90 anos mal completados no dia 9 de abril. Massaud Moisés, nascido em São Paulo em 1928, foi um dos mais eminentes professores e pesquisadores nas áreas de teoria literária, de literatura portuguesa e de literatura brasileira da Universidade de São Paulo.

Já estava aposentado na condição de professor titular de literatura portuguesa da universidade desde 1995. Daí para diante, só deu continuidade às suas pesquisas nas áreas de literatura portuguesa e brasileira, domínios de estudos no quais se distinguiria, no país e no exterior, de modo crescente à medida que escrevia novos trabalhos e lançava novas edições de suas principais obras, sobretudo as de caráter didático para estudantes de Letras. Era imbatível como autor didático e por isso seus livros tiveram sucessivas edições.

Seria quase impossível não haver, nas listas bibliográficas apresentadas por professores universitários daqueles anos, a inclusão de, pelo menos, quatro obras de Moisés, a Criação literária – Introdução à Problemática da Literatura (1968), o Guia prático de análise literária, o Pequeno dicionário de literatura brasileira e o Dicionário de termos literários.

A criação literária - Introdução à Problemática da Literatura foi primeiro lançada pelas Edições Melhoramentos (1967). A edição que consultei nos anos setenta foi a segunda edição revista (1968). Convém aqui registrar que essa notável obra teve uma edição em que o autor a dividiu em três volumes, um abordando só a poesia, outro, a prosa I, e um terceiro, prosa II, todos editados pela Cultrix e todos alcançando várias edições.

Todavia, em 2012, pela Cultrix, o autor reuniu novamente a poesia e a prosa num só volume com o título A criação literária - poesia e prosa, edição

revista e atualizada. As outras três obras seriam o Guia prático de análise literária (1969), uma obra utilíssima a quem está dando os primeiros passos na aprendizagem de análise de um texto literário, o Pequeno dicionário de literatura brasileira (1967), que chegou até à 7ª edição, 2008, obra coletiva da qual foram organizadores e colaboradores Massaud Moisés e José Paulo Paes e, finalmente, o Dicionário de termos literários (Cultrix, 1974; 16ª edição, 2013), obra de referência inestimável sob todos os aspectos e ao que me parece, ainda a única no gênero editado no país.. Com o falecimento deste último, Moisés ficou como organizador e colaborador.

Com A criação literária, obra resultante inegavelmente de incansáveis leituras nas mais atualizadas obras de autores nacionais e estrangeiros, é óbvio que, na época de sua escrita, foram por ele consultadas fontes bibliográficas mais importantes no campo dos estudos literários; A criação literária é destinada às nossas universidades e aos especialistas em geral. Moisés, a meu juízo, atingiu o ponto mais altaneiro de toda a sua obra produzida, se excetuarmos a sua História da literatura brasileira sobre a qual comentaremos adiante.

Mobilizando um imenso espectro no seu corpus de exposição sobre a estrutura da obra literária, Moisés expõe, com mão de mestre, tópicos nucleares, tais como conceito de literatura, gêneros literários, poesia e prosa, teoria da poesia, espécies poéticas: o lírico e o épico, formas poéticas, formas em prosa, o conto, a novela, o romance, a prosa poética, o ensaio, a crônica, o teatro, outras formas híbridas, a crítica literária. Creio que essa obra foi pioneira entre nós no seu gênero. Suas análises didáticas sobre poesia e ficção são evidências de sua habilidade e sutileza em penetrar nos pontos mais recônditos das significações e das diversas camadas constitutivas do fenômeno literário.

Conforme ele próprio salienta no seu precioso Guia prático de análise literária, qualquer tentativa de ensinar o estudante a analisar um texto, nada substitui a competência literária (no sentido usado por Vítor Manuel de Aguiar e Silva) individual do talento de um analista. Quando muito, o professor de literatura orienta, ensina a teoria, mas não pode ir além disso. Todo trabalho hermenêutico, se assim podemos inferir dos ensinamentos judiciosos de Massaud Moisés, vai depender das potencialidades inatas e da cultura adquirida de modo contínuo pelo futuro intérprete, ensaísta ou crítico.

O Pequeno dicionário de literatura brasileira se me afigura outra obra a que Moisés está intimamente associado, porquanto ele com o ensaísta e crítico José Paulo Paes tiveram a brilhante ideia de organizar um dicionário de literatura brasileira com a colaboração de vários autores de renome.

A despeito de José Paulo Paes (1926-1998)) e Massaud Moisés, num prefácio à 1ª edição do dicionário, terem declarado que a obra não era mais do que um “panorama sumário,” o dicionário tem um alcance muito mais vasto dada a alta qualidade com que os respectivos verbetes sobre autores e obras nacionais foram elaborados, além de virem acompanhados de bibliografia ativa e passiva dos autores e obras.

É um livro de muita relevância para estudiosos de todos os níveis - e poderia até acrescentar – uma espécie de obra de referência, do tipo vademécum para consultas e pesquisas de fácil alcance, de presença obrigatória nas bibliotecas particulares de estudiosos de literatura brasileira.

O Dicionário de termos literários (Cultrix, 1974; 16ª edição, 2013) se insere no tipo de obra que faz falta em qualquer literatura nacional. Mais uma vez, Massaud Moisés dá prova de sua incessante labuta com a pesquisa minuciosa de autores estrangeiros e nacionais a fim de dar à publicidade uma obra essencial aos estudantes de Letras no país. A obra vale também como um manual de teoria literária voltado para elucidar a imensa e complexa terminologia de termos literários, cujas acepções são rigorosamente conceituadas até ao nível etimológico.

Não conheço outra obra similar que tenha sido publicada no país. Obra de consulta obrigatória a qualquer estudioso dos fatos literários. Somente o empenho e a inegável capacidade de pesquisador produziriam uma obra dessa natureza útil em qualquer tempo.

Afora as obras de cunho didático dirigida aos estudos superiores de Letras, Massaud Moisés publicou a sua monumental História da literatura brasileira (Cultrix, 1983-1989) em 5 volumes ,inclusive com outras edições. Posteriormente, pela mesma editora, foi publicada, a partir de 2001, em 3 alentados volumes, revistos e atualizados, tanto no conteúdo como na bibliografia, indo das origens da literatura brasileira até ao Modernismo. Uma obra abrangente escrita só por ele como foi por muito tempo a maneira de nossos historiadores mais velhos escreverem histórias da literatura brasileira levadas a cabo por um único autor. A começar do velho historiador maranhense, Francisco Sotero dos Reis(180-1871) com o seu Curso de literatura portuguesa e brasileira (1866-1873), em 5 volumes. O historiador, ensaísta e crítico literário Afrânio Coutinho (1911-2000) julgava que em obras de grande envergadura e demandando tantas leituras e pesquisas exaustivas seria melhor que fossem feitas com a colaboração de vários autores, o que efetivamente aconteceu com a sua A literatura no Brasil (1955-1959) em 4 volumes, uma fundamental obra coletiva organizada magistralmente por ele.

Com esse livro Massaud Moisés, mais uma vez, se mostrou um poderoso pesquisador de nossa história literária e, ainda que possamos não concordar em alguns aspectos com esse trabalho hercúleo, é negável a capacidade individual desse estudioso de nossas letras para levar adiante um projeto desta monta. E ele o realizou com muito empenho e sucesso, uma vez que dispunha de vasta erudição e experiência com os estudos literários dentro do país e fora dele, haja vista as diversas universidades em que lecionou suas especialidades como professor visitante.

No campo da literatura brasileira bastava a sua História da literatura brasileira para considerá-lo um analista profundo e vocacionado para o deslinde e a complexidade de entendimento e de elucidação do texto literário, um autor atualizado com o que de mais moderno havia lido no campo da teoria literária, segundo se pode constatar examinando a enorme messe de autores estrangeiros consultados por ele, como sinais indicadores do seu persistente interesse em devassar o texto literário.

Outra obra de vulto que nos deixou Massaud Moisés foi o Simbolismo (São Paulo, Cultrix, 1966, 2ª edição 1967), volume IV de A literatura brasileira, um fecundo e meticuloso ensaio sobre o movimento simbolista brasileiro, desde as suas origens até surgir no Brasil. Para mim, esse ensaio, depois do indispensável Panorama do movimento simbolista brasileiro (1952), de Andrade Muricy (1895-1984), foi o que de melhor li entre nós sobre o assunto e faço questão de assinalar que, durante a minha pesquisa de Mestrado analisando a saudade do poeta piauiense Da Costa e Silva (1885-1950), a essa obra de Moisés recorri muito e com enorme proveito. Convém lembrar, que, no prefácio da obra Simbolismo, Moisés inclusive cita a obra de Andrade Muricy.

Nestas breves notas que me ocorrem a propósito da notícia do falecimento do Professor Massaud Moisés, não desejo finalizar antes de fazer uma pequena referência a uma das obras mais bem escritas por esse autor: Literatura: mundo e forma (Cultrix/EDUSP, 1980). Considero essa obra de altíssima reflexão sobre o fenômeno literário como um das mais belas leituras que fiz sobre questões relacionadas a esse tema. Uma requintada e percuciente sondagem nos fundamentos das formas literárias, da realidade física versus da realidade virtual, abstrata, imaginária, contudo, não menos “real,” segundo argumenta logo no início do ensaio.

Livro denso, iluminador, pleno de energia meditativa tanto quanto de exaustiva pesquisa nas fontes originais do conhecimento literário-estético-filosófico, uma abissal penetração nos mais recônditos espaços do universo da Literatura, um mergulho fundo, epistemológico, nos meandros da criação literária e na exegese dos labirintos mais intrincados da criatividade artística,

quer na poesia, quer na ficção, um ensaio do qual o leitor especializado sai daquelas regiões onde a poesia e suas formas parecem nos surgir na sua gênese e nos seus efeitos no espírito do leitor. Obra que merece ser lida e relida, obra de amadurecimento de um professor-teórico a ensinar a todos nós seus admiradores.

O país, intelectualmente, perde um dos seus mais eméritos estudiosos da Literatura, um modelo de scholar no sentido mais genuíno do termo. Deixou-nos um legado de obras indispensáveis ao conhecimento dos estudos literários no país e, na bibliografia didática universitária, a sua contribuição será, por muito tempo, uma brilhante referência para o estudiosos das novas gerações que seguramente consultarão aquelas quatro obras mencionadas atrás visto que marcaram época e se firmaram na história dos estudos literários entre nós.

AS CARTAS INÉDITAS (1943-1987) ENTRE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E FERNANDO SABINO

Raphael Salomão Khéde

(Professor associado de Língua e Literatura Italiana
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ))

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma seleção da correspondência inédita trocada entre Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Fernando Sabino (1923-2004), entre 1943 e 1987. A leitura das cartas não somente possibilita a reconstrução do contexto histórico-literário em que os autores atuaram, como auxilia no aprofundamento de dados biobibliográficos. A correspondência se adensa em 3 momentos marcantes da relação entre os dois escritores: 1) o período inicial (1943-44), com o maior número de cartas, caracterizado pelos conselhos e análises de Drummond a respeito das novelas de Sabino, e pela tentativa malograda da homenagem pelos 50 anos de Mário de Andrade; 2) o período londrino de Sabino (1966), com o projeto, também malsucedido, de uma antologia em inglês de poesias de Drummond; 3) a última fase (1968-1987), na qual prevalecem os bilhetes enviados por Sabino da editora Sabiá ou mesmo pessoais, para resolver questões editoriais (como no caso da publicação pela Sabiá de *Boitempo*), acompanhar o envio de livros, ou manifestar os parabéns pelo aniversário do poeta e os votos de feliz ano novo.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade; Fernando Sabino; cartas inéditas; ironia; literatura brasileira; processo de criação.

THE UNPUBLISHED LETTERS (1943-1987) BETWEEN CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE AND FERNANDO SABINO

ABSTRACT

This article aims to present a selection of unpublished correspondence exchanged between Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) and Fernando Sabino (1923-2004), between 1943 and 1987. Reading the letters not only allows for the reconstruction of the historical and literary context in which the authors worked, but also helps to deepen biobibliographical data. The correspondence is concentrated in three significant moments in the relationship between the two writers: 1) the initial period (1943-1944), with the largest

number of letters, characterized by Drummond's advice and analyses of Sabino's novels, and by the failed attempt at a tribute for Mário de Andrade's 50th birthday; 2) Sabino's London period (1966), with the also unsuccessful project of an anthology of Drummond's poems in English; 3) the last phase (1968-1987), in which notes sent by Sabino from the Sabiá publishing house or even personal notes prevail, to resolve editorial issues (such as the publications of *Boitempo* by Sabiá), to follow up on the shipment of books, or to express congratulations on the poet's birthday and wishes for a happy new year.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade; Fernando Sabino; unpublished letters; irony; Brazilian literature; creative process.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar um recorte da correspondência trocada entre Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Fernando Sabino (1923-2004), realizada entre 1943 e 1987. A análise se propôs, sobretudo, a reconstruir dados relativos ao contexto literário e a elementos da biografia e da produção de Drummond, dando ênfase especialmente ao tom humorístico e irônico que transparece, de forma recorrente, nas missivas, e que constitui papel tão importante na obra do poeta mineiro, como apontado pela crítica. José Guilherme Merquior, em *Verso Universo em Drummond* (1976), detectou a “figuração humorístico-realista”, na construção poética de Drummond, ao analisar o primeiro livro do poeta, *Alguma poesia* (1930). Segundo o crítico, a dedicatória de *Alguma poesia* – “a Mário de Andrade” – “designa de forma inequívoca a corrente literária a que se prendia Drummond: o modernismo”. Nesse sentido, a linguagem poética drummondiana “não se converteu – como a de Bandeira, Jorge de Lima ou Cassiano Ricardo – à estética modernista: ela *nasceu* modernista”. A gama temática da primeira poesia de Drummond compreende, sobretudo, “a figuração humorístico-realista da vida cotidiana, as recordações da vida de província e os quadros críticos (tão devastadores como tácitos) dos valores estabelecidos, dos clichés morais do *establishment* burguês e brasileiro” (Merquior, 2012, p. 83). Para Affonso Romano de Sant’Anna, a ironia, em Drummond, obedece a um dos traços de seu caráter e, nos seus livros iniciais, corresponde a um recurso, “posto em voga durante os primeiros anos de Modernismo, através do qual se fazia a crítica e autocritica de uma cultura”. Como traço individual, a ironia drummondiana evolui à medida que sua obra entra em novas etapas, e, como característica de um período de “nossa história literária, deve ser interpretada em relação aos demais escritores da geração e dentro do pensamento estético que provocou a Semana da Arte

Moderna de São Paulo em 1922” (Sant’Anna, 1992, p. 60-61).

Segundo Marlene de Castro Correia, a ironia romântica encontra sua expressão mais radical, nos quadros da poesia brasileira, na obra de Carlos Drummond de Andrade, o qual “a converterá em ‘atitude fundamental’ e lhe dará o sentido mais profundo”. A prática drummondiana da ironia romântica, segundo a pesquisadora, é “completa e complexa: assume as múltiplas significações dessa categoria, incorpora suas implicações filosóficas e metafísicas, descobre suas faces diversas e a investe de diferentes funções” (Correia, 2015, p. 236). Para Hércio Martins (2005, p. 132), a intenção humorística de certas rimas de Drummond está frequentemente associada a um processo de criação de palavras, que ora “assume a forma de criação de significantes por sugestão de um significado ou de outro significante, ora a de suscitação de significados pela suposta necessidade de atender, com o significante respectivo, a uma correspondência rímica”.

No acervo de Carlos Drummond de Andrade – no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro –, está conservado um dossiê com 47 documentos entre cartas (16) e bilhetes (31) enviados por Sabino para Drummond, de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Londres entre 7 de junho de 1943 e 30 de janeiro de 1986. No acervo de Fernando Sabino no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, há 21 documentos relativos à correspondência enviada por Carlos Drummond de Andrade para Fernando Sabino, entre 23 de abril de 1943 e 13 de maio de 1987. O material não é homogêneo do ponto de vista cronológico, uma vez que o envio foi mais intenso no início e na parte final da troca epistolar, apresentando um longo intervalo sem cartas (entre 1944 e 1961): trata-se de 4 cartas escritas em 1943, 2 em 1944, 1 em 1961, 3 em 1966, 1 em 1969, 1 em 1977, 1 em 1978, 1 em 1979, 1 cartão de natal em 1980, 2 cartas em 1981, 1 em 1983, 2 em 1984 e 1 em 1987. Está incluída, no dossiê, a Lista de colaboradores do livro (não realizado) *Homenagem da Província de Minas Gerais a Mário de Andrade*, do qual falaremos em breve. Há anotações de Drummond no corpo das cartas.

As cartas trocadas entre Drummond e Sabino – repletas de referências a diversos escritores e artistas (Camões, Henry James, Arnold Bennett, Fernando Pessoa, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Vladimir Maiakovski, Jorge Luis Borges, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Candido Portinari, Antenor Nascentes, Murilo Mendes, Sophia de Mello Breyner Andresen, João Cabral de Melo Neto, Elizabeth Bishop, Ziraldo, Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros) – podem ser agrupadas em 3 eixos principais: 1) o período inicial (1943-44), com o maior número de cartas, caracterizado pelos conselhos e

análises de Drummond a respeito das novelas de Sabino, e pela tentativa malograda da homenagem pelos 50 anos de Mário de Andrade; 2) o período londrino de Sabino (1966), com o projeto, também malsucedido, de uma antologia em inglês de poesias de Drummond; 3) a última fase (1968-1987), na qual prevalecem os bilhetes enviados por Sabino da editora Sabiá ou mesmo pessoais, para resolver questões editoriais (como no caso da publicação pela Sabiá de *Boitempo*), acompanhar o envio de livros, ou manifestar os parabéns pelo aniversário do poeta e os votos de feliz ano novo. Desse modo, as cartas nos permitem acompanhar, mais de perto, o processo criativo e editorial das primeiras obras de Fernando Sabino – *Os grilos não cantam* (1941) e *A marca* (1944) –, as quais foram lidas por Drummond com atenção. A correspondência traz à tona não somente questões tradutórias, como é o caso da missiva de 16 de maio de 1966, na qual o poeta se demonstra insatisfeito com diversas escolhas do tradutor americano John Nist, o qual não lhe havia garantido os direitos autorais, como indica Drummond em mais de uma carta. Além do acesso a dados biobibliográficos dos dois autores (que merecerão, certamente, um aprofundamento), as cartas permitem uma análise da língua literária usada por Drummond, o qual recorre ao baixo calão (“escrotíssimos”¹), ao uso de gírias (“moitou”²), e de palavras em acepções particulares (“ancho”³), à linguagem figurada (“recauchutou”)⁴, a neologismos (“imparticipações”⁵), ao uso de expressões idiomáticas (“fechado em copas”⁶; “meter a colher”⁷), a latinismos (“nugas”⁸). Resulta evidente, assim, o que Sonia Netto Salomão (2014, p. 27) apontou como características da língua literária de Drummond: “a criação de neologismos e a absorção dos diversos registros, dando espaço à língua popular, regional e familiar brasileira”.

Tendo em vista a elaboração de uma futura edição fidedigna e anotada da correspondência entre Drummond e Sabino, faz-se necessária a introdução de alguns princípios metodológicos gerais a respeito dos estudos epistolográficos. Conforme apontou José-Luis Díaz (2007, p. 120), a carta, antes de ser um “objeto postal”, é um texto e mais frequentemente um

1 - Carta de 23 de abril de 1943.

2 - Carta de 2 de maio de 1966.

3 - Carta de 22 de fevereiro de 1984. Esse aspecto foi identificado pelo próprio Drummond, o qual, numa carta inédita (de 21 de novembro de 1965) para seu tradutor sueco, Arne Lundgren, escreveu: “Tem razão em dizer que minha poesia não é fácil. Costumo empregar certas palavras em exceções um tanto pessoais, e usar de construções sintáticas também um pouco fantasistas”.

4 - Carta de 12 de junho de 1966.

5 - Carta de 8 de dezembro de 1943.

6 - Carta de 20 de setembro de 1943.

7 - Carta de 9 de outubro de 1969.

8 - Carta de 16 de maio de 1966.

“autógrafo”. Nesse sentido, a edição de uma correspondência é tensionada por dois “objetivos contraditórios: por um lado, o dever intelectual, que consiste em oferecer ao público um texto legível, uniformizado, livre de eventuais imperfeições; por outro, a necessidade de conservar”, na medida do possível, a mensagem contida nos manuscritos autógrafos” (Pagès, 2017, p. 122), já que, mesmo quando não diz nada, “um documento autógrafo possui um valor que lhe é próprio: a autenticidade da escrita” (Ibidem, p. 110). No caso de uma correspondência, é de suma importância levarmos em consideração a materialidade do texto, pois uma carta comunica sua mensagem não somente pela mensagem que propõe, “mas também pela multiplicidade dos signos que acompanham o texto: a forma da escrita, a ocupação do espaço da página, o número de folhas, os acréscimos colocados nas margens, a assinatura e assim por diante” (Ibidem, p. 107). Pagès aponta ainda para o fato de que o cabeçalho e as margens constituem as zonas periféricas que as edições impressas frequentemente ignoram na apresentação do texto de uma correspondência, apagando-os ou neutralizando-os. Porém, “a essa periferia se prende um significado que a contemplação do manuscrito autógrafo torna explícita” (Ibidem, p. 117).

Por se tratar de correspondências entre escritores, as cartas estão repletas de notícias a respeito de suas obras. De fato, a correspondência entre escritores representa um arquivo da criação do autor (Leriche e Pagès, 2012), já que guarda fragmentos de documentos utilizados, permite ao crítico ter acesso às etapas sucessivas da elaboração da obra, e oferece comentários do escritor sobre seu próprio trabalho de escrita. Faz-se necessário, assim, utilizar uma metodologia que pressuponha a análise das cartas direcionada aos “arquivos da criação”: vale dizer, à reconstrução da história da obra dos autores selecionados (intenções primeiras, propostas de reformulação textual, referência ao título, estratégias linguísticas na composição do texto), à produção material do livro (prova, negociação com editoras, custo da publicação, preço do livro, modos de distribuição nas livrarias) e à recepção crítica da obra (avaliação do próprio autor e julgamentos ventilados na imprensa).

Num plano geral, o estudo das cartas tem o objetivo de aprofundar três aspectos fundamentais, segundo a conceituação proposta por Marcos Antonio de Moraes (2006): 1) a reconstrução da biografia do autor; 2) a análise de sua poética (através da “auscultação” da gênese da obra); 3) a reconstrução da vida literária do período.

O primeiro objetivo, a partir da tripartição metodológica proposta por Moraes, é a análise da expressão testemunhal que define um perfil biográfico. Nesse sentido, as confidências e as impressões espalhadas pela

correspondência de um escritor colocam em evidência uma “psicologia singular” que, eventualmente, desdobra-se na criação literária. O segundo ponto interpretativo tem interesse em analisar o gênero epistolar como “laboratório de criação”, capaz de documentar a gênese e as diversas etapas de elaboração de um texto literário, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica da obra, fornecendo, muitas vezes, uma reelaboração desse texto. A terceira possibilidade de estudo do gênero epistolar procura jogar luz sobre a movimentação nos bastidores da vida literária: as estratégias de divulgação de um projeto artístico, as dissensões e as polêmicas nos grupos, e os comentários sobre a produção literária e artística contemporânea (Moraes, 2006).

Nesse sentido, a pesquisa sobre cartas se fundamenta a partir do que Castañon Guimarães (1997) aponta como alguns tópicos fundamentais, hoje, da crítica textual, da crítica genética e de todo o trabalho realizado em arquivos: 1) a grande importância dos trabalhos coletivos; 2) a permanente discussão a que a área de edição está sujeita; 3) o impulso que a pesquisa de novos materiais proporciona às questões metodológicas; 4) as associações entre formulações teóricas e a pesquisa de materiais, como no caso da crítica genética, que é indissociável da pesquisa de manuscritos em arquivos. Ao longo dos anos, ocorreram modificações sensíveis de noções, como, por exemplo, as de vontade autoral definitiva, de texto definitivo e de variante, bem como da significação dos atos de escrita.

A pesquisa epistolográfica, além de explorar a “oficina do autor”, deve levar em consideração os modos através dos quais essa oficina é reorganizada e muda com o passar do tempo. Nesse sentido, são preciosos não somente os autógrafos, mas também os testemunhos de diversas edições da mesma obra, a presença de versões provisórias, esboços, rascunhos, apontamentos preparatórios. São relevantes, também, para os fins da pesquisa em arquivos, as formulações de método apresentadas por Alfredo Stussi, o qual sinalizou a dimensão diacrônica das análises conduzidas pelo método da “filologia de autor” (que representa uma atualização da metodologia proposta por Gianfranco Contini), a partir da gênese do texto até às suas reedições. A “filologia de autor”, segundo Stussi (2015), se concentra sobre o processo criativo e formula hipóteses, a partir dos materiais preservados, sobre a relação entre autor e texto, seja na fase de gestação, seja na fase, frequentemente atormentada, a qual, após a publicação, conduz a reescritas mais ou menos numerosas e complexas. Almuth Grésillon (2016), por sua vez, indicou como o objetivo último da pesquisa genética não é o texto, mas a escrita, ou melhor o processo de enunciação da escrita. Nesse sentido, segundo a pesquisadora,

a análise genética é capaz de mostrar as virtualidades dos outros poemas inscritos num corpus genético, ler os rascunhos como uma “poética da escrita” e interpretar já não um texto, mas todas as vozes que os rascunhos abrem à leitura.

CARTAS 1943-1987

Fernando Sabino, nascido em Belo Horizonte, em 1923, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1944, cidade na qual formou-se em Direito, em 1946, pela Faculdade Federal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano foi para Nova York onde trabalhou no Escritório Comercial do Brasil e, depois, no Consulado Brasileiro. Voltou ao Brasil em 1948 e, no Rio de Janeiro, assumiu o cargo de escrivão da Vara de Órfãos e Sucessões. Deixou a função pública em 1957, passando a viver do trabalho intelectual como escritor e editor. Entre 1964 e 1966 foi Adido Cultural do Brasil em Londres. Em 1967, de volta ao Rio, desfez a sociedade na Editora do Autor e, com Rubem Braga, fundou a Editora Sabiá. Quando iniciou a correspondência com Drummond, Sabino tinha dezenove anos, mas já se correspondia com Mário de Andrade e começaria a manter um relacionamento epistolar, logo em seguida (1946), também com Clarice Lispector.

Em 24 de maio de 1943, Sabino escreve para Mário de Andrade uma carta a respeito do livro *Café*, do escritor paulista, na qual se refere a um encontro pessoal com Drummond: “Tenho pensado muito, todos os dias, no *Café*. Vontade de ler outra vez, para poder assentar um juízo definido. Me deixou meio atordoado a primeira leitura. O Drummond esteve aqui, queria conversar com ele sobre o *Café* e me esqueci” (Sabino, 2003, p. 105-106). Em 24 de novembro de 1943, de Juiz de Fora, Fernando Sabino escreveu para Hélio Pellegrino e Otto Lara Resende: “Acabei caindo no Carlos Drummond mesmo, li tudo. Os últimos [poemas] que ele me mandou são formidáveis” (Sabino, 2002, p. 18). E novamente para Otto, em 13 de outubro de 1944, encaminhou uma carta do Rio de Janeiro, através da qual informava o amigo que estava no Alcazar, comemorando seu aniversário com Manuel Bandeira, Oswaldo Alves, Pedro Nava, Rodrigo Melo Franco, Paulo, Vinicius de Moraes, Heitor dos Prazeres, Aníbal Machado, Mariinha, esposa de Thiers Martins Moreira, Rubem Braga e “outros cavalheiros da mais nobre estirpe (e ainda, como se fosse pouco, o Carlos Drummond)” (Sabino, 2002, p. 28-29). Na continuação da carta para Otto, Sabino escreve aludindo a dois versos do poema “Consolo na praia” (“À sombra do mundo errado / murmuraste um protesto tímido”), incluído em *A rosa do povo*, de Drummond: “Sabemos nós

dois que somos quatro, sem discussões, que o Carlos Drummond é um grande poeta, que à sombra de um mundo errado murmuramos um protesto tímido” (Idem).

A primeira missiva preservada no dossiê é a de 23 de abril de 1943, que Drummond escreve à mão, mencionando uma carta precedente de Sabino, com a qual o jovem escritor havia submetido um artigo de Edgar da Mata Machado (“É meio esquisito, como tudo saído dos católicos, mas inteligente como quase tudo que sai do Edgar. De qualquer modo, o jeito com que ele se referiu à poesia é absolutamente decente”). Drummond faz referência a diversos escritores com os quais estava em contato, além de aludir à revista *Mensagem*. O poeta dá conselhos ao jovem escritor, às voltas com o processo de escrita da novela *A marca*, esperada com “muita simpatia” por conta do que Mário de Andrade havia escrito a respeito dela (“E não sofra muito por causa de sua novela, que está boa. Se acha bom cortar a cena do viaduto, corte. V. deve é publicar imediatamente o trabalho, que por aqui se espera com muita simpatia, pelo que o Mário já disse dela”). Drummond mantém a comunicação, na carta, num tom informal, ao utilizar um termo de baixo calão (“escrotíssimos”) para se referir aos próprios bigodes em uma fotografia. O poeta acha ótima a ideia de Sabino criar uma revista (“Sua ideia da revista me parece a única solução para os desafios de vocês e as necessidades do momento em nossa terra. Será ótimo que vocês fizessem a revista, a revista é que é a solução”). A carta de Drummond traz informações a respeito da revista *Mensagem* (“Só vi um número, que critiquei a pedido do Etienne⁹ e parece que ele não gostou [não recebi outros]. Pelo que me dizem, os outros não melhoraram. Talvez que a falta inicial seja a da propriedade do jornal, nas mãos de um livreiro apenas comerciante, mesmo que bem intencionado”). O poeta se demonstra decepcionado com a revista (“Acho *Mensagem* tão..., tão sem... mensagem, não sei...”), que poderia melhorar, segundo ele: caso “pertencesse exclusivamente aos rapazes seria provavelmente conduzida com mais ânimo e liberdade”. Drummond se refere, na carta, à troca de poemas também com Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino (“Seguem poemas que v. pede. Confesso que é a melhor maneira de ser lido: junto com as cartas, por uns poucos amigos, sabe que até hoje não recebi nada do Hélio? Aquele grande sacana. Do Paulo recebi versos, dos quais me agradou muito a “Ode a F. G. L.”¹⁰. É um sujeito danado de inteligente, o Paulo, faz tudo bem”). Em 4 de junho de 1943, Drummond escreve em papel timbrado do Gabinete do

9 - O poeta João Etienne Arreguy Filho.

10 - “Ode a Federico García Lorca”, de Paulo Mendes Campos, publicado no volume *Domingo azul do mar* (1958).

Ministério da Educação e Saúde, do Rio de Janeiro, enviando ao jovem escritor o livro *Velórios* (1936), de Rodrigo Melo Franco de Andrade: “Fernando Sabino: aí vai o livro prometido, mande notícias e receba um abraço extensivo a toda a turma excelente, de que eu gostei tanto”.

Sabino respondeu a esta missiva, com a carta datilografada¹¹, enviada de Belo Horizonte, em 7 de junho de 1943, na qual escreveu que Paulo Mendes Campos teve “uma ideia muito boa”, que ele imediatamente topou, e resolveu “de qualquer maneira realizar: uma homenagem a Mário de Andrade por ocasião de seu cinquentenário, de parte de seus amigos mineiros de Belo Horizonte”. Seria em forma de livro, “como a do Manuel Bandeira, “naturalmente em proporções bem mais modestas”. Para isso, Sabino entrou em contato com Guilhermino César, o qual o aconselhou a procurar Drummond. Os colaboradores, para que o resultado fosse “decente”, seriam em número bem limitado, e somente aqueles que conheciam Mário ou “se ligavam a ele por qualquer espécie de estima ou simpatia humana”: Emílio Moura se dedicaria à poesia; Otto Lara Resende estava realizando um estudo sobre a obra do Mário em geral; Guilhermino estava “fazendo uma coisa mais íntima, mais leve, sobre o grupo Verde em Cataguazes por ocasião do modernismo”. Outros colaboradores seriam João Alfonsus, Alfonsus de Guimarães Filho, Wilson Castelo Branco, Hélio Pellegrino. Sabino, que estava muito entusiasmado com o projeto (“Estou fazendo questão que saia uma coisa forte, séria, embora cheia de simpatia e solidariedade pelo Mário. Um depoimento de nossa turma, enfim”), informa o poeta sobre o processo editorial da empreitada: “Quanto ao lado financeiro, o implacável, trágico, desumano lado financeiro, resolvi com subscritores, em número de uns 30 mais ou menos a 50\$ e 100\$ cada. Penso fazer uma tiragem de uns 150 a 200 no máximo em papel comum (formato da *Lanterna verde* mais ou menos) e uns quarenta em papel melhor para os subscritores” (Sabino, 1943). Sabino apresenta, já nesta ocasião, a habilidade de futuro editor da Sabiá:

O que eu quero de você é saber se você pode ficar com 100 para o Instituto Nacional do Livro, para não ficar pesado a 30\$ ou mesmo a 25\$ o volume. Poderá? Nenhum constrangimento, responda no duro. Aliás estou falando nisso a você porque sei que você estima o Mário tanto quanto eu. E naturalmente achará justa esta iniciativa. Pelos meus cálculos com 5 contos eu faço o livro; estes 100 que lhe falei já dariam para o papel. Vou esperar pois uma resposta sua, pois a coisa tem de ser rápida, o cinquentenário é a 9 de outubro, que está perto (Sabino, 1943).

11 - No P.S., Sabino pede desculpas por escreve à máquina, alegando que sua letra era muito “ruim”.

Na continuação da carta dirigida a Drummond, Sabino afirma que leu o poema que ele havia enviado para Emílio: “Achei uma maravilha. Talvez seja o seu maior poema dos últimos tempos, não?”. Além de informar Drummond a respeito da conclusão, após um ano, de uma novela, dizia-se surpreso com Maiakovski (“Ultimamente ando besta é com um livro de Maiakovski que comprei. Que sujeito! O que você acha dele, hein, Carlos?”).

Na carta de 4 de junho de 1943, é possível notar como Drummond, já em 1943, estava ciente da importância que representava o “material enorme” da correspondência de Mário de Andrade, tema que pensava em desenvolver para o livro de homenagens a Mário:

Como lhe disse, estou pronto a escrever qualquer coisa sobre o Mário, e lembro o material enorme que se pode tirar da correspondência dele. Mas me parece que vocês devem fazer um plano do livro, para evitar a improvisação e a simples antologia. Mesmo sendo “homenagem”, a obra deve ter certo cunho documentário e crítico. Assim, lembro a conveniência de se escolher os assuntos principais e de distribuí-los pelos colaboradores. Mas vocês sabem muito bem o que é preciso fazer e por certo já terão adiantado bastante a coisa (Andrade, 1943).

Um dado interessante, relativo à interlocução entre os dois escritores, é a menção ao uso comum do telefone como meio de comunicação entre eles (“Estava aguardando a segunda carta que v. prometeu me escrever, quando conversamos pelo telefone”). Drummond, além de se referir a Maiakovski (“Quanto ao Maiakovski, concordo com você: ele é o tal”), pede um exemplar do primeiro livro de contos de Sabino, *Os grilos não cantam mais* (Pongetti, 1941). Tal aspecto sinaliza a importância que o poeta mineiro teve na divulgação da obra do jovem escritor e, nesse sentido, é interessante notar a relação entre intelectuais de gerações distintas: após reclamar da situação da poesia e do romance não somente em âmbito brasileiro (mas também latino-americano), Drummond olha com esperança para Sabino e a sua geração:

Quando a gente lê um sujeito desses, fica perguntando onde estão os poetas do Brasil! Parece que não estão em parte alguma. Tive a mesma sensação lendo uma antologia de poetas latino-americanos. Estamos numa salada (?) louca. Em matéria de romance, também, parece que o nosso pessoal está recuando, em vez de avançar. Você não acha? Talvez seja mania minha achar tudo ruim. Mas confesso que sinto enjoo e vontade de ver tudo arrebitado e começado de novo. Agora, isso não poderá ser feito por uns sujeitos maduros e chateados

como eu e meus companheiros de geração. Vocês estão aparecendo agora, estão no ponto de esculhambiar e tentar caminhos novos. Tenho uma grande esperança em vocês. E (Andrade, 1943).

Sabino responde, em 18 de junho, agradecendo Drummond por ter aceitado participar da homenagem, e trazendo novas informações a respeito do projeto: “Com o apoio do Instituto do Livro a coisa se tornou logo possível de realizar. Eu e Guilhermino estamos agora arranjando o papel... e esperando as colaborações”. Pergunta, então, se Drummond já havia começado a colaboração dele (“Olha lá que o cinquentenário não anda muito longe, eu queria ter os originais em mãos até 10 de julho. Em todo caso, se não for possível para você, mande dizer, que a gente espera. O que não podemos é de maneira nenhuma dispensar sua colaboração”), e define “excelente” a ideia do poeta escrever sobre as cartas do Mário. Dá informações sobre os outros colaboradores (“O Emílio escreverá sobre o poeta, o Alphonsus sobre o contista, o Oscar Mendes sobre o crítico, o Ayres sobre a língua, Wilson Castelo Branco sobre o movimento modernista, Guilhermino sobre o ficcionista, Paulo, Otto e Etienne sobre a obra em geral”), e ressalta, mais uma vez, que a parte de poesia seria de Hélio Pellegrino e de “Alfonsinho” com poemas oferecidos ao Mário. Pergunta qual era a opinião de Drummond a respeito da proposta de Aníbal Machado se ocupar do tema da música na obra de Mário, e pede para o poeta convidar Rodrigo Melo Franco de Andrade para que escrevesse sobre o tema que desejasse. Agradece pelo envio de *Velórios*, e avisa que iria mandar a sua novela para Mário de Andrade, e enviaria a Drummond, também, caso ele não fosse tão ocupado, pois lhe interessava muitíssimo a sua opinião. Na carta, Sabino se refere à tradução, realizada por Drummond, do romance *Thérèse Desqueyroux* (Pongetti, 1943), de François Mauriac, e pergunta se o poeta havia assistido à recente exposição de Portinari no Rio de Janeiro.

O jovem escritor escreve novamente em 20 de junho, mencionado uma carta anterior de Drummond que não foi localizada, e manifestando amargura por perceber quanta decepção Drummond poderia vir a ter se continuasse contando com o grupo de jovens mineiros. Percebia uma diferença entre a sua geração e a geração modernista: “A verdade é que sem saber porque nos sentimos, me sinto pelo menos, desprovido daquele entusiasmo que vocês tinham, nosso entusiasmo é amadurecido, prudente, refletido” (Sabino, 1943). Em 26 de julho de 1943, escreve novamente, desta vez à caneta, em papel timbrado do Gabinete do Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, referindo-se a um encontro entre os dois no Rio. Demonstra-se decepcionado por perceber que a homenagem a Mário estava naufragando pela “preguiça”

(“Faço tudo, brigo, grito, chateio, procuro todo mundo, insisto, e só recebo promessas”), diz que gostou muito de um poema que Drummond mandou para *Mensagem*, e se refere aos escritores chilenos Juan Uribe e Orlando Oyarzún, este último um “amigo do Pablo Neruda”. Oyarzún, que “ficou besta”, após ter recebido de Sabino o livro *Poesia*, de Drummond, pedia, ainda, que Sabino lhe enviasse a “Carta a Stalingrado” e outras poesias de Drummond (“Diz ele que interessaria muito, pois Neruda escreveu sobre os mesmos temas”).

Em 20 de setembro de 1943, Drummond pede desculpas pelo atraso na resposta (“Estou com sua carta aqui em casa há dois meses e a resposta não saiu da pena... Que diabo! Até parece falta de admiração, mas v. sabe que não é! Sabe que isto de carta depende não somente de tempo mas também de bossa.”), agradece o envio de um livro do Chile (“Mas vc. foi encomendar um livro no Chile para mim, Fernando Sabino! Que camarada mais extraordinário é v. Já me entendi com o Uribe”), cobra notícias de Paulo Mendes Campos, e solicita o envio de poemas de Hélio Pellegrino (“Como vai o Paulo? Ia-me esquecendo de pedir a v. que me obtenha, por bem ou por mal, alguns poemas de Hélio”). Drummond escreve a respeito do assunto da homenagem a Mário (“Pelo que tenho sabido, v. continua lutando com a homenagem ao Mário, nossa gente é mesmo difícil, não desanime... Só um cidadão corajoso podia realizar um livro desses em nossa terra, e é bom que v. seja esse corajoso”), dizendo que “o Capanema, a quem transmi seus recados, promete para breve a colaboração. Quando vai a coisa? Estou naturalmente seco¹² para ver o livro na rua. O nosso professor está cada vez mais sublime, e o prefácio que ele escreveu para o livro de Otávio de Freitas Júnior¹³ é de uma beleza e de uma brutalidade que achatam”. O poeta, na carta, demonstra sua admiração pelo jovem ficcionista, e faz referências ao livro *A marca*, novela publicada, em 1944, pela editora Pongetti:

Antes de mais nada, quero lhe falar sobre *A marca* (que segue pelo correio, em separado). Acho que v. tem motivos para se sentir satisfeito com o avanço que essa novela representa sobre as outras e os esboços do seu livro de estreia. Está mais seguro dos seus dons e aplicou-os numa obra de mais fôlego. Já está para trás aquele sabor simplesmente anedótico ou pitoresco de algumas páginas de *Grilos*. V. se empenhou a fundo na análise de um indivíduo e numa situação psicológica e saiu-se bem da experiência. Devo confessar que o Vicente não me parece um tipo novo, e pode ser incluído naquela

12 - No sentido de “desejoso”, “sequioso”.

13 - Referência ao prefácio de Mário de Andrade ao livro *Ensaio do nosso tempo* (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943), de Otávio de Freitas Jr.

galeria de errados que Mário de Andrade fixou na “Elegia de Abril”, os “incompetentes na vida”¹⁴. Mas dentro da classificação geral dos fracassados, ele tem vida própria e v. não copiou ninguém. Cedeu apenas a uma tendência estranhamente frequente em nossos escritores, de ficção ou poesia, como assinalou Mário. Sinto-me perfeitamente à vontade para compreender e aceitar o seu personagem, pela própria natureza de minha poesia, que só ultimamente e em parte conseguiu libertar-se de sua condição pessimista. Como também gostei de que a última palavra da sua novela fosse uma palavra tímida, embora de esperança: “... amanhã alguma coisa vai acontecer”. Acho que v. se purgou de uma tendência e de um estado de espírito, que é antes coletivo do que individual, e que sua obra futura terá uma grande força e liberdade. Do ponto de vista da composição literária, já tem essa força, que o tempo irá apurando. Confio enormemente em v. e tenho uma bruta e sadia inveja de seus 20 anos (Andrade, 1943).

A resposta de Sabino veio em 28 de setembro de 1943, com agradecimentos pela leitura da sua novela (“gostei muito do que você achou da minha novela”), demonstrações de um pouco mais de esperança com a homenagem a Mário (“A homenagem do Mário vai indo. Andei meio desanimado, oh gente desgraçada de dura essa daqui! Mas agora já entregaram o artigo o João Alfonsus, o Oswaldo Alves, Otto, Hélio, além dos que já havia”), e a manifestação de interesse pela criação de uma revista com Hélio e Paulo; na carta, Sabino pedia, ainda, para Drummond lhe transmitir sua opinião a respeito do capítulo do “viaduto” da sua novela. Em 8 de dezembro de 1943, Drummond escreve se referindo a um artigo de Sabino sobre a sua obra:

Mas não lhe falei ainda de seu artigo irremediável. Um artigo a meu respeito me dá logo a sensação de estar no meio da rua. Mas o diabo é que eu gosto, apesar da nudez pública! Vejo em seu artigo tanto poder de entrar nos versos, de dar-lhes substância humana, que me sinto satisfeito e comovido. A ideia de solidão está muito bem pesquisada e identificada. Obrigado, batuta (Andrade, 1943).

Drummond, na carta, escreveu, também, a respeito de dois contos de Sabino,

14 - Referência ao texto de Mário de Andrade, “A elegia de Abril”, de 1941, publicado no volume *Aspectos da literatura brasileira* (1943). Mário escreve: “De uns dez anos pra cá, sem a menor intenção de escola, de moda literária ou imitação, numerosos escritores nacionais se puseram cantando (é bem o termo!...) o tipo do fracassado” (Andrade, 1975, p. 189).

enxergando uma “facilidade espantosa” no jovem autor em criar tipos aos quais dava verossimilhança. Interessante notar a influência sobre Drummond do jovem João Cabral de Melo Neto (com apenas 23 anos naquele momento), com o qual o poeta mineiro conversava diariamente, e que o influenciava por sua implacabilidade “na depuração poética de todo assunto e de toda emotividade convencional”. Há uma declaração de poética, na carta, quando Drummond afirma que “a preocupação social não basta para alimentar-me; às vezes preciso de uma coisa mais mesquinha ou mais fluida”, e reivindica a necessidade de o poeta escrever “aquilo que está em nós, bom ou ruim, certo ou errado, e não o que nos oferecem de fora, como imposição ou moda, mesmo lucrativa”. O poeta itabirano demonstra interesse pela opinião de Sabino a respeito de sua poesia, acrescentando uma definição modesta sobre o fato de seus versos serem ou não incisivos: “Mas não me parece que haja neles indicação de algum caminho desconcertante”. Em seguida, indica alguns aspectos relevantes de sua poesia, como o “divertimento” e a índole antiburguesa (“O poeminha ‘Fragilidade’¹⁵ é antigo, anterior a ‘Stalingrado’¹⁶. E o outro, da noiva¹⁷, é meio divertimento, apesar da tirada antiburguesa”). Drummond escreve, também, a respeito de *A marca*, definida como uma obra “densa” que, porém, não “satisfaz a fome do leitor”; agradece o jovem escritor pelo artigo escrito sobre a sua poesia (“Vejo em seu artigo tanto poder de entrar nos versos, de dar-lhes substância humana, que me sinto satisfeito e comovido. A ideia de solidão está muito bem pesquisada e identificada. Obrigado, batuta”). O poeta se diz surpreso com a “facilidade espantosa” que Sabino “tem para criar tipos e dar-lhes movimentos de gente viva”.

Em 26 de janeiro de 1944, Drummond escreve, num tom humorístico, a respeito de uma proposta fantasiosa ao governo para a construção de um bar onde não aparecessem pinguços, de modo a permitir que se pudesse conversar. Na missiva, o poeta faz referência a Mário de Andrade e a Manuel Bandeira:

Fernando: aqui tudo em ordem. A turma como vai? Ando pensando em propor ao Governo a construção, em cada cidade do Brasil, de um bar onde não apareçam paus d’água, e a gente possa beber e conversar coisas. Que acha v.? – Vai junto o discurso a Carlito, que provavelmente sofrerá ainda corte e alteração de palavras mas afinal está pronto. O retrato seguirá depois: ainda não obtive o negativo, que talvez esteja com o Bandeira. V. vem mesmo ao Rio? Soube que o Mário não está em S. Paulo, e sim numa fazenda. Assim

15 - Publicado em *A rosa do povo* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1945).

16 - Referência ao poema “Carta a Stalingrado”, publicado em *A rosa do povo*.

17 - Provável referência ao poema “Caso do vestido”, publicado em *A rosa do povo*.

sendo, v. bem vê que eu tenho um motivo razoável para não ir a S. Paulo; e v. também. Um abraço geral aos amigos e um especial para você (Andrade, 1944).

Sabino responde em 11 de fevereiro, de Belo Horizonte, agradecendo o envio de um poema de Drummond, e transmitindo informações a respeito de Otto, Hélio, Paulo e Murilo Rubião. Pede para Drummond enviar dois contos dele para Breno Accioly¹⁸, o qual vinha lhe pedindo “há muito tempo” textos para publicação. Em 6 de março de 1944, Drummond acusa o recebimento das cartas de Sabino, fazendo referência a um artigo do jovem escritor sobre a sua obra, e a um poema de Hélio Pellegrino. A partir da leitura da carta, resulta evidente o esforço de Drummond em ajudar Sabino a publicar seus primeiros contos, um dos quais o poeta itabirano enviou para a revista *Diretrizes*. Drummond se refere, também, à publicação de um poema seu (“Carlito”¹⁹) e de um poema, escrito sob seu incentivo, de Hélio Pellegrino. Na missiva, há ainda a menção irônica ao escritor Breno Accioly (definido “o gênio”), responsável pela publicação de alguns contos de Sabino na revista *Diretrizes*:

Só uma palavra: para dizer que recebi suas cartas, seu artigo (fiquei cheio de glória) e o poema do Hélio. Este último, tomei a liberdade de passá-lo a um amigo que faz suplemento, com outros versos de outros poetas jovens de livros, para que ele publique num desses domingos. (O meu “Carlito” não sairá mais: retirei-o para dar lugar ao Araújo Jorge²⁰, que me parece mais adequado ao clima do *Correio da Manhã*). Finalmente os seus contos: dei-os ao Breno Accioly – o gênio –, que ficou de colocá-los competentemente. Um deles, segundo me informa o referido gênio, sairá em *Diretrizes*. Está bem? Mande notícias e obras. Meu abraço geral para os amigos, e um especial para você, do Carlos (Andrade, 1944).

No acervo de Sabino, há uma carta de 29 de dezembro de 1961, através da qual Drummond enviou o “Poema visual” (incluído em *Viola de bolso II*, na edição de Mendonça Teles de 2001²¹), dedicado ao pintor Candido Portinari:

18 - Accioly escreveu uma resenha, “Uma novela esquizofrênica”, sobre *A marca*, publicada em *O Jornal*, de 30 de abril de 1944.

19 - Referência ao poema “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin”, incluído no volume *A rosa do povo*.

20 - José Guilherme de Araújo Jorge, poeta e político brasileiro.

21 - *Poesia completa* de Carlos Drummond de Andrade (fixação de texto e notas Gilberto Mendonça Teles, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001).

Na folhinha de dezembro
o dia reservado
para a festa de Portinari
lembra aos homens que a pintura
está viva.

No alvoroço de dezembro
O dia natal de Portinari
ensina à gente que a pintura
está sempre nascendo.

Na mágica de dezembro
Portinari, pintura, poesia
Abraçam-se impondo
um sonho único e real.

- ao querido Candinho, com o melhor abraço de seus amigos Carlos e Dolores²².

Em 29 de abril de 1963, Sabino envia uma carta datilografada do Rio de Janeiro com anotações e comentários a respeito do contrato da Nova Aguilar, com o qual Drummond cedia a sua Obra Completa, e indica que: “Essas observações se completarão com uma explicação pessoal. De qualquer maneira, acho o contrato de modo geral bastante drástico e cheio de arapucas para o autor. Certos itens mereceriam uma caveirinha com duas tíbias cruzadas. Mas com uma boa esfregadela em cada item, talvez vá” (Sabino, 1963).

Em 14 de abril de 1966, Sabino escreve de Londres, país no qual residiu entre 1964 e 1966, enviando notícias de sua atividade como adido cultural, na embaixada do Brasil, com certo desalento: “[...] Providenciei a vinda do João Cabral em maio, para ver se anima um pouco esta joça. Vai fazer uma conferência sobre cantores nordestinos para meia dúzia de gatos pingados”. Sabino transmite ao poeta seu interesse em publicar uma coletânea de poemas de Drummond em inglês, dizendo que havia pensado em Elizabeth Bishop ou em usar a edição bilíngue de John Nist, com algumas correções (“Dizem que a tradução não é excepcional, mas pelo menos tem o mérito de ser absolutamente fiel – e o principal é que já existe”). Sabino informava-o ainda a respeito do fato de o editor Peter Owen já ter concordado com o projeto, e pedia a autorização de Drummond para a tradução. Solicitava, também, sugestões a respeito do título, afirmando que John Nist já havia concordado com a proposta da edição inglesa.

22 - Transcrição do manuscrito depositado no acervo de Fernando Sabino.

Drummond escreve, em 2 de maio de 1966, aludindo a uma anedota sobre a Copa do Mundo de futebol que foi disputada, naquele ano, na Inglaterra. Drummond cita as comemorações pelos oitenta anos de Manuel Bandeira (“o Bardo”), e discorre sobre a situação política do país (“Há tempos imemoriais que não acontece nada, pelo menos que chegue ao conhecimento. Desde a falta de eleições até a falta de feijão e de lugar nos coletivos, é tudo a mesma coisa que você deixou, o que no fundo é melhor para nós todos, porque poupa a nossa capacidade emocional”). O poeta mineiro, em seguida, informa Sabino a respeito das comemorações pelos trinta anos de Rodrigo Melo Franco de Andrade como diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e acena para a mesma origem mineira dos dois escritores, lamentando a transformação de Belo Horizonte. O poeta manifesta interesse pela proposta de Sabino de publicar uma antologia dele na Inglaterra:

Bem, claro que topo a ideia da antologia, que me dá a impressão de voltas às origens, pois modéstia à parte sou um bocado inglês – para ser preciso, escocês, o que talvez não tenha tanto brilho. Em todo caso, e ditado aí, estarei em condições de dar banana a meu antepassado William Drummond, poeta “scoto-britanno”, único até agora a defender as cores da família nessas estranhas. Fico agradecido a você pela iniciativa e dou-lhe plena liberdade de decidir todas as questões referentes ao assunto (Andrade, 1966).

Na continuação da carta, Drummond aprofundou seu posicionamento diante da proposta da antologia, para a qual sugere o título de *Selected poems*. A carta traz informações a respeito do tradutor de Drummond para o inglês, o americano John Nist, o qual, não somente não garantiu os direitos autorais ao poeta brasileiro, como os cedeu à Universidade de Arizona, sem o consentimento do autor. A tradução de Nist foi publicada, em 1965, com o título *In the middle of the road* (Tucson, University of Arizona Press). Não deixa de estar presente, aqui, mais uma vez, certo tom irônico, comum nas cartas para Sabino:

Certamente que para a antologia inglesa, o mais prático é aproveitar o trabalho dele, mas seria desejável que desta vez fosse um pouco mais generoso pra com este humilde autor, reconhecendo-me a meia propriedade dos direitos sobre minha obrinha, não te parece? Se não concordar, o melhor é arranjar outro tradutor, se é que esse bicho exista, do que duvido muito. O título preferível: *Selected poems* (Andrade, 1966).

Na carta, Drummond alude, também, ao retorno de Sabino ao Brasil, que ocorreu em 1966. Em 6 de maio, Sabino escreve agradecendo pela “concordância com a edição dos poemas”, e encaminhando a carta de Nist de 3 de maio. Sabino estava em dúvida se escolher a tradução de Nist (“De minha parte, encontrei um ou dois gatos nas traduções, que pretendo sugerir ao Nist alterar. Sinto que se tivesse tempo, poderíamos fazer coisa muito melhor, com outro tradutor talvez a Elizabeth Bishop”). Informa que o Itamarati se dispôs a colaborar, “pondo à disposição da Embaixada uma verba para aquisição de mil exemplares que serão distribuídos às bibliotecas – e dos quais, naturalmente, manejarei no sentido de que você receba uma quantidade substancial”. Pedia, também, informações a respeito de Manuel Bandeira (para o qual Sabino havia escrito um artigo em ocasião das homenagens pelos seus 80 anos), e de Rodrigo Melo Franco.

Em carta de 16 de maio de 1966, escrita à caneta, Drummond parabeniza Sabino pelo seu trabalho como adido cultural em Londres (“Estás um adido cultural assustador: providenciando, escrevendo cartas e levando a gente a fazer o mesmo, contra todos os bons costumes vigentes em nossa pátria”), e tece comentários a respeito da tradução de sua poesia ao mencionar o escritor e crítico literário Cassino Nunes:

Fico ciente dos detalhes editoriais comunicados em sua última e não tenho emendas a fazer ao texto inglês do John Nist, confiando mais no seu inglês do que no meu para corrigir os gatos do tradutor. O Cassiano Nunes chamou a atenção para deficiências naturais de tradução e poesia, em que a palavra tem às vezes significação muito especial, como p. ex.: “gente me chamava / na ponta do gesto” que virou “people used to call me / Offering me their hand”, o que não é a mesma coisa. Também as “pensões alegres” convertidas em “gay boarding houses” perdem aquele caráter que lhes era próprio na Rua Guaicurus. Enfim, nugas (Andrade, 1966).

O poeta itabirano reitera o desapontamento com seu tradutor americano John Nist, como já havia feito na carta de 2 de maio:

O que o Nist é acima de tudo é um chato, mais fácil seria ele me ter dado os 5 ou 10 exemplares de *In the middle of the road* que eu gostaria de ofertar a alguns amigos. Vejo pela cópia da carta que ele escreveu ao tal Townsend, que se interessou pela remessa de 5 volumes, mas isso só depois que lhe manifestei o desejo de dispor de parte mínima da edição. Por sinal que esse mínimo não veio até hoje. E só fiquei sabendo que nos Estados Unidos poesia não é

mercadoria editorial como qualquer outra, depois do livro editado e porque perguntei delicadamente a ele pelos direitos autorais. Nist dispôs de meus versinhos junto à Universidade de Arizona sem me consultar, e ela registrou o copyright. Em nenhum outro país tiveram essa liberdade comigo. Mas isso é o de menos, e não impede que a antologia por ele organizada saia em Londres sob os cuidados de você (Andrade, 1966).

Na continuação da missiva, Drummond menciona o assunto do prêmio Nobel (“essa patacoada”), que o “desagradava”. O poeta pede para que Sabino, quando a antologia com os poemas traduzidos fosse publicada, não a enviasse para a Academia sueca. Em seguida, Drummond informa Sabino sobre a saída do hospital de Manuel Bandeira, de forma jocosa (“Não pode é insistir nos salsichões e beberetes de que andava abusando, e também carece poupar-se do excesso admiratório dos fãs”). Na missiva, Drummond parabeniza Sabino pela crônica (“Fui vê-lo uma dessas tardes e ministrei-lhe o seu artigo²³ no *Estado de S. Paulo*, que ele ainda não tinha visto e apreciou devidamente. Riu muito quando, na conversa repeti a comparação de Londres com a mulher surda do M. M”), e alude, de forma cômica, ao envelhecimento seu e de Bandeira (“Riu muito quando, na conversa repeti a comparação de Londres com a mulher surda do M. M.²⁴ Enfim, desta o poeta não vai, e precisamos ir pensando nas comemorações do centenário dele, a que espero comparecer na qualidade de ectoplasma”); há, também, um trecho em que o poeta declara sua paixão pela cidade do Rio de Janeiro no mês de maio (“dá gosto interromper a carta e olhar pela janela as rolinhas voando do pinheiro para o muro, à procura de alimento. Até que os fundos do escritório não são nada bonitos, dando para fundos de apartamentos, mas há a nesga de céu, o pinheiro e as aves – e o dia de maio”).

Em 27 de maio de 1966, Sabino informa Drummond sobre a situação editorial da antologia: havia escrito uma carta ao editor inglês (George Allen & Unwin), “que estava muito interessado”, enquanto a editora do Arizona estava criando “dificuldades técnicas e econômicas para ceder os direitos” da tradução de Nist. Neste meio tempo, surgiu outro editor inglês (Peter Owen, “que já publicou o Machado”), também interessado em lançar um livro de poemas de Drummond. Sabino achava que Nist não havia adquirido os direitos autorais de tradução dos poemas de Drummond, e que as traduções de Nist não eram das melhores, apenas “fiéis na medida do possível”. Indicava que seria o caso de fazer outra tradução, e para tanto estava pensando em

23 - Artigo, escrito em forma de crônica, intitulado “O bom Bandeira”.

24 - Murilo Mendes.

Elizabeth Bishop, “que já deve ter traduzido poemas seus e sendo poeta, sempre é capaz de fazer coisa melhor (certa ocasião me escreveu comentando desfavoravelmente as traduções de Nist)”. Sugeriu que utilizassem algumas traduções de um secretário da Embaixada, Luís Paulo Lindenbergh, para uma “recauchutagem” das traduções de Nist.

Em carta escrita à caneta de 12 de junho de 1966, Drummond escreve fazendo novamente referências ao projeto de tradução de seus poemas na Inglaterra. O tradutor americano John Nist lhe havia enviado um contrato para legalizar os direitos autorais, a partir de uma exigência da universidade do Arizona (que detinha os direitos autorais da tradução, intitulada *In the middle of the road*). Ao refletir sobre as possibilidades que restavam quanto à resolução desta questão da tradução em inglês de seus poemas, Drummond alude de forma irônica a Elizabeth Bishop, a qual publicou, em 1986, com Gregory Rabassa, a tradução de uma seleção de sua obra com o título de *Travelling in the family (selected poems)*, pela Random House (Nova York):

Pois é. Você foi inventar essa edição inglesa de meus versinhos itabiranos, e agora se chateia com a editora da Universidade do Arizona, com o John Nist e até com a falta de um tradutor-suplente. Achei graça porque de todo esse rocambole resultou o seguinte: o Nist, vendo que se apropriara de obra alheia e a vendera a terceiros, depois que você botou o projeto em andamento, me escreveu mandando uma fórmula de contrato pelo qual eu legalizaria o açoite dele e racharíamos os direitos autorais. Direitos esses, é claro, apenas relativos à matéria contida no volume *In the middle of the road*. Parece que o pessoal do Arizona exigiu essa formalidade sem a qual seria difícil negociar com Londres a reedição da obra. De tudo concluo, com você, que é melhor deixarmos de lado as traduções desse nosso amigo (que de resto teriam de ser revistas) e partirmos para outro tradutor. Quem? A Elizabeth Bishop, acho difícil ela fazer o trabalho em prazo inferior a 240 anos, a julgar pelo cuidado, minúcias, a respeito dos quais me consultou tantas vezes que acabei verificando ser mais fácil eu aprender o inglês necessário ao bom desempenho da tarefa. Existe em Nova York uma tal miss Joan Longland, já não muito jovem, amiga de Cassiano Nunes, que me traduziu 15 poemas, alguns longos; talvez ela pudesse ser aproveitada, aumentando a série. Mas já não há tempo para tratarmos do assunto, com você regressando ao Brasil, e não me sinto à vontade para cuidar disto com a Vera Pacheco Jordão, que o substituirá (Andrade, 1966).

Na continuação da missiva, Drummond reflete, mais uma vez, sobre a questão da tradução de seus poemas em inglês:

Portanto, meu caro, o sensato é engavetarmos a ideia até que surja um tradutor capaz de fazer por mim o que Lutero fez pela Bíblia e, dizem, o Meyer-Clason²⁵ fez pelo Guimarães Rosa, que os quatro foram comparados uns aos outros. Além do mais, seria duro arranjar-se um prefaciador por aqui, e mais ainda por aí. Quando organizei a edição Aguilar de minha *Obra Completa*, lembrei-me de um crítico que espontaneamente preparava um estudo a meu respeito, por me parecer que lhe seria cômodo transformar esse estudo num prefácio; ele passou uma noite aqui em casa, colhendo material, e nunca mais me apareceu; o Aguilar teve de recorrer aos préstimos de outro que publicara há anos alguns artigos, e que os recauchutou na emergência. Outro que o Guilherme Figueiredo escolheu para o prefácio de uma edição francesa ainda no limbo, topou a encomenda e também se fechou em copas. À vista do exposto, não me animo a procurar esse bicho inexistente em nossas plagas. Resta-me agradecer a você, novamente, a boa ideia e a boa vontade posta em executá-la. Moralmente, sinto-me editado em Londres e recebendo uma big nota do suplemento literário do *Times* – graças a você (Andrade, 1966).

O poeta se refere a uma visita ao Brasil da “poetisa portuguesa simpática” Sophia de Mello Breyner Andresen:

No mais, andou por aqui uma poetisa portuguesa simpática, Sofia de Melo Breyner Andresen, que escreveu em versos a lenda do Cristo-cachorro da Espanha, contada por João Cabral. Padeceu uma sessão da Academia e um sarau imperial em casa de Ana Amélia²⁶, pelo que se retirou apressadamente em demanda dos coqueiros das praias do Nordeste, segundo me fez ciente e eu aprovei (Andrade, 1966).

Drummond alude, mais uma vez, à Copa do Mundo (“todo mundo discutindo a seleção brasileira, porque Alcindo e não Silva, se este é ou não é perna de pau, etc. Sou o único brasileiro vivo que não dá palpite”):

O Wilson Castelo Branco²⁷ perpetrou um romance

25 - Curt Meyer-Clason, escritor e tradutor alemão, foi responsável pela tradução de *Grande sertão: veredas* (München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1992).

26 - A poetisa Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

27 - Wilson Castelo Branco, escritor e jornalista.

belorizontino meio autobiográfico e o Monzeca²⁸, que não gostava de poesia modernista, foi-se para melhor. Segue com esta seu artigo no *Estadão*. Nossas lembranças a Ana²⁹, e para você o melhor abraço do Carlos (Andrade, 1966).

Na carta datilografada, de 19 de setembro de 1968, com a marca d'água da editora Sabiá, Sabino envia as provas de *Boitempo*. Em 8 de outubro de 1969, Sabino escreve mandando as provas da tradução de Julieta, com “algumas dúvidas do revisor”, e dava-lhe os parabéns “pela estreia” no *Jornal do Brasil*. Na carta de 9 de outubro de 1969, escrita à caneta, Drummond escreve a respeito da revisão da tradução de uma antologia de Jorge Luis Borges, solicitada por Fernando Sabino para a editora Sabiá³⁰:

Devolvo-lhe o catatau-Borges, com os palpites que me ocorreram, as outras dúvidas só podem ser resolvidas pelas tradutoras³¹ que talvez tenham de retornar, em alguns casos, ao texto de Borges. O melhor é a Sabiá encaminhar a coisa às duas, tratando-se de parceria, o que me faz ter escrúpulos de meter a colher em trabalho alheio, e não apenas de Maria (Andrade, 1969).

Há uma série de bilhetes pessoais, enviados por Sabino, com seu nome e endereço domiciliar (“Rua Venâncio Flores, 100 – apto 304, Leblon”), para parabenizar o poeta pelo seu aniversário (em 31/10/1976, 2/11/1980, 31/10/1983, 31/10/84), para transmitir votos de felicidades de final de ano (31/12/1980, 25/12/1982, 23/12/1983), para resolver questões editoriais (como, por exemplo, a devolução dos originais dos contos de Drummond em 8/12/1981), agradecimento pelo envio de livros (como o do ilustrador checo Alphonse Mucha, em 27/10/1983, ou mesmo *Visita* e o “novo *Boitempo*”, em outubro de 1979).

Há um bilhete sem data no qual Drummond escreve a respeito dos romancistas Henry James e Arnold Bennett: “A esclerose me traiu. O conto de que lhe falei não é de Henry James, mas de Arnold Bennett. Mas a *Bibl. Int.*

28 - Referência ao jornalista Hermenegildo Chaves (conhecido como Monzeca), que chegou a ser diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

29 - Anne Beatrice Estill, com a qual Sabino esteve casado entre 1957 e 1972.

30 - Após desfazer a sociedade na Editora do Autor, Sabino, junto a Rubem Braga, fundou, em 1967, a editora Sabiá, na qual editou livros de Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, entre outros.

31 - Referência à *Nova Antologia Pessoal* (Rio de Janeiro, Sabiá, 1969), de Jorge Luis Borges, traduzida por Maria Julieta Graña e Marly de Oliveira Moreira.

de *Obras Célebres* tem muito do James que também acho muito bom, vão os dois, para você examinar” (Andrade, s.d). Em 7 de novembro de 1977, o poeta escreve agradecendo pelos parabéns pelo seu aniversário de setenta e cinco anos, e fazendo alusões sutilmente irônicas à indústria cultural. A sutileza da ironia é construída através do uso de apenas dois verbos (“fiquei sabendo” e “desvirginei-me”):

O velho aniversariante está mandando a você e a Lygia Marina o melhor abraço de agradecimento. As palavras amigas e o respeitável scotch amenizaram a Operação-75, que resultou indolor e até divertida, pois fiquei sabendo, pelo *Estadão*, que Gilberto Gil e Caetano Veloso são meus amigos prediletos. Além disso, desvirginei-me na televisão. Estou virando gente. Seu velho grato Carlos (Andrade, 1977).

Em 19 de novembro de 1978, Drummond escreve um cartão à mão (com o seu nome timbrado):

Saber você de volta foi uma alegria, e outra receber sua solidariedade afetiva pelo meu insistente aniversário. Como tenho feito anos, meu Deus! Mas os amigos me confortam, e me esqueço em parte a chateação do tempo, ainda mais com o recurso geriátrico-líquido de que você me fez presente. Mas aqui cabe a palavra mineira habitual: “Ora, porque você foi se incomodar!”. De fato, a sua palavra já era um tônico suficiente e eficaz. Por tudo, muito obrigado. E o meu abraço carinhoso a você e a Lygia³². Seu velho (de verdade) Carlos (Andrade, 1978).

Num cartão de natal de 1980, foram citados os quatro versos de um pequeno poema de Drummond, intitulado “Uma notícia” (publicado somente em 2001, na edição da Nova Aguilar, entre os dispersos):

Uma notícia irrompe desta árvore
e ganha o mundo: verde anúncio eterno.
Certo invisível pássaro presente
murmura uma esperança a teu ouvido³³.

Em 23 de outubro de 1981, Drummond escreve à caneta demonstrando, mais uma vez, certa ironia ao se propor como agente da classe intelectual para fins papagaiescos; o poeta envia, com a carta, o manuscrito do poema “Gente”, publicado em 2014 no volume *Guardados de Maria Lúcia Godoy*

32 - Lygia Marina de Moraes esteve casada com Sabino por 19 anos, de 1974 a 1993.

33 - Transcrição do manuscrito depositado no acervo de Fernando Sabino.

(São Paulo, Editora Sesi):

Obrigado pela revista, que documenta o meu prestígio bancário. Você me deu uma ideia genial: aproveitar essa situação e converter-me em agente intermediário da classe intelectual junto ao Antônio Carlos (Toninho) para fins papagaiescos. Estou, desde já, à disposição dos amigos do peito, como você. Topas?

Gente

Lembrar as serras de Minas,

Demolidas, como dói!

Mas me consolo se escuto

Maria Lúcia Godoy

Foi-se o ferro de Itabira?

O ouro não se destrói.

Está na voz da mineira

Maria Lúcia Godoy

Carlos Drummond de Andrade 1975

Na folhinha de dezembro o dia reservado para a festa³⁴.

Em 4 de novembro de 1981, Drummond se refere, com ironia, à experiência do envelhecimento, fazendo referência a um conjunto de crônicas escritas por ele:

Continuo sem saber fazer anos. Não entendo como isso aconteceu: ontem ainda, eu brincava na aurora da minha vida, e agora estou calvo e com dentadura dupla. Felizmente, os amigos me confortam com palavras. E você ainda teve a amabilidade de oferecer-me uma carteira, que espero rechear com aquele dinheirinho das crônicas do Pão de Açúcar, pois acabei escrevendo também. O que eu queria dizer é – muito obrigado, Fernando (Andrade, 1981).

Em 3 de novembro de 1983, Drummond escreve agradecendo Sabino, e mencionando um almoço na casa de Otto Lara Resende:

Não deu para ir ao almoço em casa do Otto, que, segundo me contou Maria Julieta³⁵, foi muito agradável. Mas você sabe que, presente ou ausente, nossa velha amizade está sempre em vigor. Que presente lindo você me mandou pelos meus (indecorosos) 81 anos! A capacidade de escolher regalos é uma de suas marcas registradas. E esse veio, como sempre, com palavras que me tornam comovidamente

34 - Transcrição do manuscrito depositado no acervo de Fernando Sabino.

35 - A escritora Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do poeta.

feliz (Andrade 1983).

Em 22 de fevereiro de 1984, Drummond escreve de forma irônica perguntando se estaria mesmo atualizado, já o que o cartunista Ziraldo Alves Pinto havia chamado a sua atenção para uma mudança terminológica:

Foi muito bom você ter mandado sua entrevista, que do contrário eu não poderia ler. Está excelente, com ideias justas e ditas com esse jeito particular de ser, que convence pela naturalidade. Você não posa nem pontifica. Então o seu pronunciamento é sempre muito agradável de ler. Fiquei todo ancho com o atestado de perene juventude intelectual que você me passou. Será que sou mesmo atualizado? Outro dia o Ziraldo me chamou a atenção por me referir a brotos e não gatas. E há outros sinais de que a cuca não está assim tão florescente. Aliás, sem matéria de idade, eu sou mais o Nava, para quem a velhice é simplesmente uma merda, e não precisamos explicar por que... Mas você me alegrou deveras com a referência carinhosa (Andrade, 1984).

No bilhete de 21 de abril de 1984, Sabino envia de presente a Drummond um chaveiro, pelo qual o poeta agradece na carta escrita à caneta, em 24 de abril de 1984. Hoje, o chaveiro compõe o acervo do poeta, no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, criado por iniciativa do próprio Drummond:

Obrigado pelo chaveiro-sessentão, que lhe mandei pedir. Não sou o colecionador que você imagina. Sou uma sentinela da posteridade e, ao saber que tinha distribuído esse souvenir, senti vontade de arranjar um para a coleção do Arquivo-museu de literatura da casa de Rui Barbosa. Fui eu, modéstia à parte, que imaginei essa instituição e andei pedindo a amigos que doassem coisas do seu uso pessoal, ligados à vida literária. Por sinal um do Dantas Mota atendeu à solicitação mandando um naco de fumo, usado pelo pai... O chaveiro ficará bem no conjunto, como peça original. Só peço que a moda não pegue e todos os escritores se lembrem de imitar você (Andrade, 1984).

No último documento conservado no dossiê, a breve carta de 13 de maio de 1987, Drummond escreve mencionando *Os Lusíadas*, de Camões, e alguns versos da “Ode marítima”, de Fernando Pessoa:

Em Camões não achei nada (procurei no índice do vocabulário dos *Lusíadas*). Em Fernando Pessoa, “Ode Marítima” de Álvaro de Campos está: “Ah, quem sabe, quem sabe, Se não parti outrora, antes de mim...” (mas todo o compridíssimo poema é sobre viagem em navios). Na mesma “Ode”: “ah, seja como for, seja para onde for, partir!” E só. Se achar alguma outra coisa, em lusos e nativos, mandarei para você (Andrade, 1987).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- ANDRADE, Mário de. “A elegia de Abril”. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1975, p. 185-195.
- BECKER, Colette. “O Discurso de Escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola)”. *Patrimônio e Memória*, Unesp, v. 9, n. 1, p. 144-156, janeiro-junho, 2013.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006 [1993].
- CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond: jogo e confissão*. São Paulo: IMS, 2015.
- DÍAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” (Tradução Cláudio Hiro e Maria Sílvia B. Ianni). *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 15, 2007.
- GRÉSILLON, Almuth. *Eléments de critique génétique. Lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France, 2016 [1994].
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Sobre um projeto de edição crítico-genética da poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.
- LERICHE, Françoise e PAGÈS, Alain. “Avant-propos”. In: LERICHE, Françoise e PAGÈS, Alain. *Genèse & Correspondances*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines/ ITEM, 2012, p. 1-10.
- MARTINS, Hécio. *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso Universo em Drummond*. Tradução de Marly de Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2012 [1976].
- MORAES, Marcos Antonio de. “Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação”. *Manuscrita*. Revista de crítica genética, n. 14, p. 65-70, 2006.
- SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SABINO, Fernando & Andrade Mário de. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SALOMÃO, Sonia Netto. “Carlos Drummond de Andrade e o laboratório da palavra no Modernismo brasileiro”. *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, vol. XV-2013, Pisa-Roma, p. 27-36, 2014.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

STUSSI, Alfredo. *Introduzione agli studi di filologia italiana*. Bologna: Il Mulino, 2015 [1994].